Prefácio

Bruno Fregni Bassetto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BASSETTO, B.F. Prefácio. In: MARTINS, M.C. *Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2017, pp. 11-13. ISBN 978-85-7078-519-0. <https://doi.org/10.7476/9788570785190.0001>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

Para os estudiosos da Filologia Românica, uma tradução para o português, em edição crítica e bilíngue, da narrativa de peregrinação de Egéria – a *Peregrinatio Egeriae* –, com elaborado glossário e anotações filológicas, é motivo de comemoração. Não se trata apenas de mais uma edição do conhecido documento latino, mas o resultado de um paciente trabalho de anos. Em busca das indispensáveis fontes bibliográficas, a autora permaneceu um ano em Paris, junto à Sorbonne, num curso de pós-doutoramento, seguindo um bem elaborado planejamento que lhe mereceu a aprovação de sua Universidade (UFRGS) e uma bolsa da Capes, sem dúvida imprescindível para a execução do pretendido. Os anos seguintes foram consumidos por trabalho metódico e minucioso, cujo resultado final é agora apresentado aos interessados.

Algumas considerações, sem dúvida, ajudarão a compreender melhor a importância deste documento sob os vários aspectos analisados pela autora. Assim, a avaliação final, o último aspecto da crítica histórico-literária, revela que esta certamente não é uma obra de arte literária; a peregrina não pretendeu escrever com arte; não seguiu as regras complexas da composição clássica, embora assomem, por vezes, distantes alusões a influências de leituras de autores famosos, sobretudo de Virgílio e de César, através dos quais, como se sabe, a língua latina era ensinada nas escolas. De fato, trata-se de uma narrativa singela de uma peregrinação aos lugares santos, num estilo enxuto e sem floreios. Seu valor, portanto, não está nesse aspecto, mas é múltiplo seu valor documental, conforme se verifica na presente obra.

Inicialmente, verifica-se a profundidade da penetração do cristianismo, até então, praticamente em todo o Império Romano; não há referências a cismas, fazendo supor uma unidade perfeita. Os liturgistas encontram neste documento farto material para a história dos ritos, das celebrações, do calendário litúrgico, dos mosteiros e das igrejas, erguidas por toda parte. A hierarquia eclesiástica se apresenta já constituída, adequada às necessidades da época, qual eco ao que se lê no Novo Testamento, sobretudo nos *Atos* de Lucas. Como ainda hoje, a celebração da missa perfaz a parte central do culto. Um aspecto importante,

sob o ponto de vista histórico, é o processo do catecumenato, levado muito a sério, uma vez que muitos eram batizados já adultos. Por outro lado, fica evidente que, naquela época, os principais ritos, os sacramentos e a organização da Igreja são essencialmente os mesmos dos de hoje, *mutatis mutandis*, e ainda com o dado adicional de sua universalidade.

Ressaltem-se também as informações geográficas e históricas, nas quais se nota a preocupação de ligar os lugares aos fatos correspondentes, mesmo os apontados no Antigo Testamento. Outros aspectos serão facilmente verificados com a leitura desta obra, realmente rica em tais informações.

Tem sido muito discutido o latim usado pela peregrina. Inicialmente, urge não esquecer que, à época do documento, o Império Romano, ainda que cristianizado, sobretudo depois de o imperador Constantino Magno decretar a liberdade religiosa através do Édito de Milão (313), se mantinha firme e sua língua geralmente falada era o latim. No período áureo da literatura latina (séc. I a.C. - I d.C.), havia três variedades do latim: o *sermo litterarius*, só escrito, instrumento de arte e, como tal, estilizado, correto e regrado; o *sermo urbanus*, falado pelas classes cultas, razoavelmente correto e gramatical, norma que desapareceu com o fim do Império; e o *sermo plebeius*, hoje dito “latim vulgar” e falado pela grande massa popular inculta em todas as províncias do Império, embora em concorrência com a *koiné* grega nas províncias do Oriente.

Talvez não seja possível determinar quando o latim deixou de ser falado ou de ser entendido. Sua própria evolução, extremamente lenta, até se transformar nas diversas línguas românicas, quando o povo não mais entendia o que era dito em latim, só foi detectada pelo Concílio de Tours, em 813, que, em seu cânon 17, determinou ao clero que pregasse não mais em latim, mas na *romana lingua*, na variedade local: o próprio nome, *romana lingua*, a qualifica como derivada do latim, certamente pela semelhança de ambas, mas suficientemente diferenciadas para impedir a compreensão mútua. Portanto, essa atestação de que o latim não era mais falado e compreendido pela população data de aproximadamente cinco séculos após a época da *Peregrinatio*. Logo, a língua falada por sua autora era o latim, que ela usa com tanta liberdade e desembaraço.

Deduz-se que, também na Península Ibérica, a língua falada era o latim, ainda que em sua norma “vulgar” e talvez na do *sermo urbanus* pelas classes cultas, que realmente não seria o mesmo do séc. I. Portanto, a autora da *Peregrinatio* devia falar comumente o latim e conhecê-lo bem. Além disso, há fortes indícios de que ela pertencia à classe alta, cujos membros frequentavam

escolas; nelas se estudava, entre outras disciplinas, a língua, como afirma Quintiliano (aliás, nascido na *Hispania Citerior*) várias vezes em sua *Institutio Oratoria*. É óbvio que as escolas ensinavam o *sermo litterarius*, e nesse contexto nossa autora hauriu conhecimentos dessa variedade, posteriormente empregados na redação de seu relato, entremeados com muitos elementos da língua que ela falava. Assim, afigura-se uma mescla de duas normas de um mesmo idioma, sem que houvesse preocupação em distingui-las. É bem possível que a leitura assídua do Novo Testamento, na versão da *Vetus Latina*, tenha tido influência.

Há muitos elementos da norma culta, como o emprego da passiva dita sintética e de verbos depoentes, as formas sintéticas do comparativo dos adjetivos e advérbios, construções do acusativo com infinitivo, o ablativo absoluto e o particípio conjunto, entre outros. É notável que esses torneios, próprios do latim literário, se caracterizam pelo sintetismo e não passaram para as línguas românicas, preponderantemente analíticas, pois não tiveram a influência da norma culta, como a teve nossa autora.

Por outro lado, o latim do texto apresenta muitos pontos conflitantes com os correspondentes clássicos: os demonstrativos *ille* e *ipse* assumem a função do artigo definido românico e *unus* a do indefinido; há emprego generalizado das preposições, inclusive como substitutas de flexões casuais, como se observa nas línguas românicas, além de muitos elementos que o leitor encontrará no presente trabalho.

Afinal, estamos diante de um documento desafiador, na medida em que levanta muitas questões filológicas, históricas e factuais, que especialistas tentaram e ainda tentam responder. O leitor verificará que a presente obra traz algumas contribuições importantes para uma melhor compreensão desse documento.

Bruno Fregni Bassetto